

humanitas

Vol. XXXI-XXXII

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. XXXI-XXXII



COIMBRA

MCMLXXIX-MCMLXXX

CAMÕES E ALGUNS CONTEMPORÂNEOS SEUS

I. DIOGO BERNARDES E CAMÕES

A «Carta XXXII. A João Rodrigues de Sá de Menezes, da jornada que fez Pero d'Alcáçova Carneiro, a Castela, por mandado de El-Rei Dom Sebastião» tinha um modelo conhecido na Literatura Latina. É a Sátira V do Livro I de Horácio, que narra a jornada feita por Mecenas com um grupo de escritores seus amigos, na sua maioria poetas, de Roma a Brindisi. Além de Horácio, participaram Virgílio, Vário, Plócio Tuca, o retor Heliodoro e os políticos Coceio Nerva e Fonteio Capitão. Mecenas ia, na qualidade de emissário de Octávio, o futuro Augusto, negociar com Marcó António um importante acordo político.

A narração de Horácio é em tom, ora jocosamente heróico, ora familiar.

Em Bernardes, a abertura da carta é também em estilo um tanto herói-cómico, com a invocação a Febo e às Musas, seguida da declaração de que os factos que vai cantar são verdadeiros:

*Naõ cantarei aqui fabulas vaãs
De novidades sempre taõ amigas,
Que vem a converter homens em raãs,
E tornaõ a fazer homens de formigas.
Verdades cantarei, verdades chaãs
E vistas por meus olhos, naõ antigas,
Da jornada que fez o bom Carneiro
Dos Alcaçovas tronco verdadeiro.*

Segue-se uma enumeração dos possíveis motivos da viagem, efectuada em Junho de 1576:

*Huns dizem, que delRey he casamento,
O que se fosse assi graõ bem seria.*

Outros aventam um novo acordo sobre as Molucas; outros ainda uma possível nova expedição ao Norte de África, para a qual D. Sebastião pediria auxílio a seu tio Filipe II de Espanha; finalmente, outros ainda (e estes, segundo Bernardes, estarão mais perto da verdade) pensam na conjunção de todos estes motivos.

A comparação do chefe da embaixada com o ministro de Augusto mostra que o modelo horaciano estava no pensamento de Bernardes:

*Deixando o leve povo desta vez,
Em seus varios discursos ocupado,
Este meu bom Mecenas Portuguez,
A cuja sombra canto descansado,
Partio a nove dias, sobre dez
Do mez em quando o sol mais impinado,
Roubando a Madre terra com seu rayo,
A graça, que lhe dá Abril, e Mayo.*

*De Lisboa partio com tal louvor
De grandes, e pequenos geralmente,
Que sempre lembrará, em quanto for
A neve branca e fria, o fogo ardente.*

Mas não é minha intenção comentar toda a epístola rimada de Bernardes, aliás, curiosa sob mais do que um aspecto.

Aqui interessa-me chamar a atenção para os ecos dos *Lusíadas* nesta peça em verso, escrita quatro anos depois da publicação do poema. Logo os versos da invocação, atrás citados, não estão isentos de intenções paródicas de *Lus.* I, 11:

*Ouvi, que não vereis com vãs façanhas,
Fantásticas, fingidas, mentirosas,
Louvar os vossos, como nas estranhas
Musas, de engrandecer-se desejosas.*

Em outros pontos, a sugestão camonianiana é mais vaga. Assim,

*Estava o defensor da Christandade,
Felipe, inclito Rey, no Escurial,
Hum templo de tamanha magestade
Que nunca o desenhou Vitruvio tal.*

acorda reminiscência de passos como:

*Estava o Padre ali sublime e dino
Que vibra os feros raios de Vulcano,
Num assento de estrelas cristalino
Com gesto alto, severo e soberano.*

(Lus. I, 22)

Mas onde me parece que a intenção parodística não deixa dúvidas é no trecho seguinte:

*Hum bosque taõ guardado, e taõ sombrio
Que nelle de contino está seguro
O verde pasto do calmoso Estio,
Do duro ferro o tronco antigo, e duro.
As fontes delle, vão criando hum rio
Onde no transparente crystal puro
Mil Antedõis a sua sombra vem
Sem espanto de si, nem de ninguem.*

.....

*Alli o branco Cisne logra, e ama
Do crystallino lago a segurança,
Geme sem medo a rolla em verde rama
A pomba do voar alli descança:
Seu canto Filomella alli derrama,
E a Perdiz que da queda tem lembrança,
Inda qu' engeita a faya, o freixo, e o pinho
No chão seguro tem seu caro ninho.*

Ao ler estes versos, logo nos ocorre a serenidade perfeita da manhã primaveril nessa Ilha dos Bem-Aventurados, greco-latina e imortal, que é a Ilha dos Amores:

*Ao longo da água o níveo Cisne canta,
Responde-lhe do ramo Filomela;
Da sombra de seus cornos não se espanta
Actéon n'água cristalina e bela;
Aqui a fugace Lebre se levanta
Da espessa mata, ou tímida Gazela,
Ali no bico traz ao caro ninho,
O mantimento o leve passarinho.*

(Lus. IX, 63)

De todas as semelhanças, a mais expressiva e reveladora é a da projecção da figura de Actéon nas águas. Onde Camões escreveu

Da sombra de seus cornos não se espanta
Actéon n'água cristalina e bela;

Diogo Bernardes parodiou, multiplicando e generalizando:

....no transparente cristal puro
Mil Antedois a sua sombra vem
sem espanto de si, nem de ninguem.

As semelhanças são, aliás, maiores do que as sublinhadas pelas frases que transcrevi em redondo. Com efeito, elementos do quadro de Bernardes, que estão ausentes nos versos transcritos, encontram-se no trecho intermédio entre as duas oitavas que citei. E a propósito note-se que a estrofe de oito versos hendecassílabos é mais um factor de paródia do estilo épico e de Camões.

O trecho não citado é constituído igualmente por duas oitavas onde são mencionadas *a fugace lebre* e *a tímida gazela* (ou o seu equivalente, o *gamo*), embora em ordem inversa:

*O Gamo à fresca sombra ali rumia,
Outr' hora ao raso sai da espessura*
.....

Esta *espessura* não é outra coisa senão a *espessa mata* da estrofe camoniana. Note-se, de passagem, que *O Gamo...* (e o emprego da maiúscula facilita a reminiscência) faz lembrar certas estâncias de *Os Lusíadas* que começam *O Gama...*, por exemplo, VII, 46; 66; VIII 43; 80; 82; 92.

Quanto à *fugace lebre*, também não falta na glosa do poeta limiano, agora desdobrada em *medroso coelho* e *inocente lebre*:

*O medroso coelho, e a inocente
Lebre, que de seus pés faz seu escudo;
Alli saltaõ e brincaõ, sem temor
Das manhas do astuto caçador.*

A intenção parodística é reforçada no final, pois enquanto nos *Lusíadas*,

*Ali no bico traz ao caro ninho,
O mantimento o leve passarinho,*

na epístola em verso de Diogo Bernardes,

*E a Perdiz que da queda tem lembrança,
Inda qu'engeita a faya, o freixo, e o pinho
No chão tem seguro seu caro ninho. (1)*

Ambos têm o seu *caro ninho*, mas ao movimento etéreo e alado do *leve passarinho* opõe Bernardes o da *perdiz*, rasteiro e aos tombos, de caminho recordando o mitológico *Perdix que da queda tem lembrança* (cf. Ovídio, *Met.* 8, 237). O *locus amoenus* fica, assim, como que degradado, no contraste entre o aéreo e o pedestre. E talvez haja algo de malicioso na recordação da metamorfose ovidiana do ciclo de Dédalo e de Ícaro.

Sem pretender tirar ilações imaginosas, um trecho como este de Bernardes não testemunha disposições muito amigáveis para com o poeta de *Os Lusíadas*, quatro anos depois da publicação do poema. E compreende-se: o cantor do *Lima* preparava-se para ser o Camões da expedição militar de D. Sebastião ao Norte de África, dois anos mais tarde, em 1578.

José Maria Rodrigues, no seu livro *Fontes dos Lusíadas* (2), esmiuçou os testemunhos poéticos da animosidade do grupo de António Ferreira, a que estava ligado Diogo Bernardes, contra «uns Quérilos tão pomposos» e um tal Magálio, nomes ambos que seriam alcunhas dadas a Camões, entre os seus inimigos.

Nesse grupo, como também se julga, o elemento mais aguerrido contra o épico seria Pedro de Andrade Caminha que o teria

(1) Faria e Sousa observou que em Ariosto, *Orlando Furioso*, canto VI, [est. 22], há elementos comuns a *Lus.* IX, 63. Podia, assim, argumentar-se com uma fonte comum para Camões e Bernardes. Mas a ausência em Ariosto da menção de Actéon torna mais provável a alusão ao passo camoniano, por parte de Bernardes.

Também F. S. citou o passo de Virgílio, *Geórg.* IV, [16-7], onde se encontra a sugestão do *caro ninho*. Mais uma vez, Diogo Bernardes deve ter tido em mente Camões, pois ambos praticam a mesma liberdade de tradução, a saber, a «deslocação do adjectivo» (*traiectio epitheti*) ou hipálage, em relação a *dulcem*:

..... ipsosque uolantes

Ore ferunt, dulcem nidis immitibus escam.

(2) Cf. o «Índice Onomástico» da 2.^a edição, Lisboa, Academia das Ciências, 1979, elaborado por Maria Regina da Costa Ramalho, s. vv. Bernardes (Diogo), Caminha (Pedro de Andrade), Ferreira (António), e ainda Chérilo e Magálio.

crivado de epigramas. Não é fácil provar que todas essas pequenas composições, algumas das quais são arremedos de Marcial, tenham em vista Camões. Mas em certas delas, como a dos «versos cabalinos» (ed. de Priebisch, epigrama 141) ou a da «fúria de poeta» (*ibid.*, 145) quase não pode duvidar-se de que o visado é o autor de *Os Lusíadas*.

Diogo Bernardes mudou, posteriormente. A expedição militar, de que esperava ser o cantor glorioso, tornou-se o trágico desastre de Alcácer-Quibir onde o herói do seu malogrado poema ficou derrotado e morto. O próprio Bernardes sofreu o cativoiro, durante três anos. Entretanto, falecera também Pedro de Andrade Caminha, no fim da década de oitenta.

E em 1595, quando foi publicado o livro das *Rhythmas* camonianas, Diogo Bernardes não negou o seu *testimonium* de apreço literário, no soneto que começa:

*Quem louvará Camões que ele não seja?
Quem não vê que canta em vão engenho e arte?
Ele se louva a si só, em toda parte,
E toda parte, ele só enche d'enveja.*

A tradição exagerou o significado dessa homenagem póstuma.

Barbosa Machado, que devia ser uma boa alma, não hesita em escrever a respeito de Diogo Bernardes, duzentos anos mais tarde, na sua *Bibliotheca Lusitana*: «Jaz sepultado no serafico Convento das Religiosas de Santa Ana, onde descansam as cinzas do seu grande amigo, o insigne Luís de Camões, Príncipe da Poesia Épica».

Enfim, que concluir daqui, senão que os homens mudam? À atitude de Bernardes em relação a Camões bem pode aplicar-se o verso inicial de um soneto quinhentista, por sinal, atribuído a ambos:

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades.

II. CAMÕES E OS «TRISTES»

A tristeza, como corolário do «viver», tem sido associada ao sentimento amoroso em Camões, sobretudo no seu teatro.

É costume citar as palavras de Duriano, amigo de Filodemo, que na peça do mesmo nome, assim fala aos namorados suspirosos, entregues a um amor interiorizado, espiritual e distante:

Uns muito bem almofaçados, que com dois ceitis fendem a anca pelo meio, e se prezam de brandos na conversação, e de falarem pouco e sempre consigo, dizendo que não darão meia hora de triste pelo tesouro de Veneza; e gabam mais Garcilaso que Boscão, e ambos lhe saem das mãos virgens».

Duriano opõe a este *amour de tête* pela mulher idealizada, a sensualidade franca das suas próprias práticas amorosas que — diz ele —

«não trocarei... por quantos sonetos estão escritos polos troncos das árvores de Vale Luso, nem por quantas Madamas Lauras vós idolatrais».

Por contraste, Filodemo que se apaixonara pela filha do patrão (o qual, numa situação à maneira da Comédia Nova Ateniense, se descobrirá no fim ser seu tio), Filodemo — dizia — sente o peso da distância social e sofre todas as contradições e contrariedades do amor impossível. Não lhe resta senão espiritualizá-lo, como nestas palavras para Duriano:

«Já vos dei conta da pouca que tenho com toda a cousa que não é servir a Senhora Dionisa; e posto que a desigualdade dos estados o não consinta, eu não pretendo dela mais que o não pretender dela nada, porque o que lhe quero, consigo mesmo se paga; que este meu amor é como a ave Fénix, que de si só nasce, e não de outro nenhum interesse.»

O amor que «consigo mesmo se paga» parece aqui identificar-se com um princípio da escola estóica greco-latina, muito conhecido no tempo de Camões, princípio segundo o qual, «a virtude é paga de si própria». O amor espiritual torna-se, deste modo, uma forma de virtude.

Continuando o diálogo, diz:

«DURIANO — Bem praticado está isso; mas dias há que eu não creio em sonhos.

FILODEMO — Porquê?

DURIANO — Eu vo-lo direi: porque todos vós outros os que amais pela passiva, dizeis que o amor fino como melão não há-de querer mais de sua dama que amá-la; e virá logo o vosso Petrarca, e o vosso Pedro

Bembo, atoado a trezentos Platões, mais safado que as luvas de um pagem de arte, mostrando razões verisímeis e aparentes, pera não quererdes mais de vossa dama que vê-la; e ao mais até falar com ela.

Pois inda achareis outros escodrinhadores de amor mais especulativos, que defenderão a justa por não empenhar o desejo; e eu faço-vos voto solene, se a qualquer destes lhe entregassem sua dama tosada e aparelhada entre dous pratos, eu fico que não ficasse pedra sobre pedra. E eu já de mi vos sei confessar que os meus amores hão-de ser pela activa, e que ela há-de ser a paciente e eu agente, porque esta é a verdade».

Para Duriano, que amava «pela activa», a atitude dos que amavam «pela passiva», suggestionados por Platão, por Petrarca e os sonetos escritos em Vacluse (Vale Luso) em honra de Laura, e ainda por Bembo, por Garcilaso e Boscão, autores que cita, o comportamento dos adeptos do amor platónico e petrarquizante parece, em muitos casos, não ser mais que uma atitude exterior, uma espécie de moda, um certo «snobismo», como hoje diríamos. Não insinua Duriano que até Garcilaso e Boscán (os mais acessíveis dos coriféus literários mencionados, porque mais próximos no tempo e no espaço) «lhes saiem das mãos virgens», isto é, não foram lidos?

Do mesmo modo, Luísa Sigeia numa carta em castelhano, traduzida por Teófilo Braga (3), ao indicar os autores cuja citação pode tornar mais viva e interessante a conversa entre cortesãos, menciona «os *Triunfos* de Petrarca, as estâncias e os *Assolanos* de Bembo, e outros mil, que não temos que enumerar, pois o sabem todos, sabendo-o mui poucos, pelo pouco que os usam».

Tratando de Camões, em nota da 2.^a edição do seu teatro nos Clássicos Sá da Costa, p. 152, compara Hernâni Cidade estes «excessos do Petrarquismo» com os do Romantismo e com as «tristezas como as do futuro *homem fatal* que se orgulhava delas como de *fatal presente do Céu*».

E a propósito, citando Marques Braga, menciona um passo similar da *Eufrosina* de Jorge Ferreira de Vasconcelos:

«Eu, em verdade, Senhora, que não trocaria o ser triste por duas horas por quantos prazeres há na vida».

(3) *Camões: Época e Vida*, Porto, 1907, p. 310.

Esta moda da tristeza encontra-se ainda documentada numa outra carta em castelhano de Luísa Sigeia (4) onde podem ler-se considerações como as seguintes:

«Senõr: Bien parece que aueys poco experimentado que cosa es tristeza, pues me pedistes este otro dia que os dixesse qual era la causa por que estando vno triste hablaua y escriuia mejor que estando alegre, y creedme que si no os quisiera tanto, que la respuesta desto dexara a la misma tristeza, que muy a vuestra costa os ensinara sus efetos; y vengarame brauamente entre tanto de la pregunta, assi en ver que auiedo tanto en la vida de que estar triste, no dauades en esto, antes andauades dilantando la tristeza con engañosos plazer, que despues al desengañar duelen doblado, como en considerar quan mal sabriades vsar de los bienes de la tristeza, quando de fuerça viniesedes a ser triste, de desacostumbrado della. Mas en fin, como amistad y vengança no frisa uno con otro, quiero vno poco tratar con vos de que cosa es tristeza y de que se causa, y assimismo de por que se habla y escriue mejor con ella que con plazer, y no me lo agradezcays, porque tratar desto tengo por grangeria, y tanto estimo (aunque a mi costa) tener un poco de experiencia mas della, que del contento. (...)»

Por outro lado, no interessante livro de *Anedotas portuguesas e memórias biográficas da corte quinhentista. Istorias e ditos galantes que sucederã e se disserã no Paço*, publicado pelo Prof. Christopher L. Lund (5), encontra-se, com o número XCI, a páginas 146, a seguinte narrativa:

«Em tempo delRey D. João avia algũs fidalgos q̃ se prezavaõ de tristes; aborreciaõ festas e prazeres, e os q̃ folgavaõ com passaros criavaõ mochos; hũ destes era Fran.^{co} de Sousa o de Santarem, ao qual por ter afeiçaõ do corpo pouco afidalgada chamaraõ de alcunha o Vilaõ; este Fran.^{co} de Sousa vivendo nas suas cazas dalcaceva de Sanctarem, cujas janellas cahem sobre a barroca, criava cú cú, em Gayolas, e era tanto o odio e aborrecim.^{to} q̃ tinha aos roxinoes q̃ quando na barroca aonde criaõ m.^{tos} cantavaõ de noite na primavera, mandava a hũ moço q̃ o vestia q̃ junta da cabiceira de sua cama, e da janella, lhe puzece cantid.^o de pedras, e quando os ouvia cantar se lançava fora da cama, e das janellas lhes tirava as pedradas, dizendo, andai m.^{to} na hora má, e hir cantar aos

(4) Mencionada também por Teófilo Braga, *ibidem*, p. 312. O original encontra-se em Adolfo Bonilla y San Martín, «Clarorum Hispaniensium Epistolae Ineditae», *Revue Hispanique*, Huitième Année (1901), p. 284.

(5) Editado pela Livraria Almedina, Coimbra, 1980.

tolos q̃ folgaõ de vos ouvir: Estando hũ dia a meza delRey, moveo elRey pratica sobre q̃ passaros cantavaõ melhor, algũs dos fidalgos circunstantes responderaõ q̃ o rouxinol, e outros q̃ o melro, porq̃ naõ cantava bem, mas cantava q̃ estrogia, outros disseraõ q̃ o calhandro porq̃ arremedava m.^{tos} passaros, acudiraõ os tristes, e diceraõ q̃ so o mocho se podia ouvir, porq̃ cantava triste, perguntou entãõ elRey a Fran.^{co} de Sousa q̃ ate entãõ naõ falara, dizendo q̃ vos parece Fran.^{co} de Sousa, qual he nesta materia o vosso voto, elle respondeo: senhor, bom he o mocho, mas o cú cú rapa tudo».

Em comentário à anedota, e a confirmar a tristeza do reinado de D. João III, cita o Prof. Lund o testemunho das *Saudades* (1554) de Bernardim Ribeiro — compostas, como é sabido, muitos anos antes — e o de Gil Vicente, falecido cerca de 1536. Também nos meus *Estudos sobre a Época do Renascimento* (6), a respeito de um documento de 1489, tive ocasião de escrever: «A impressão que se tira da leitura do interessante escrito de Roger Machado é a de que Portugal era entãõ um país de situação económica mais sólida que cinquenta anos depois, quando Clenardo nos visitou. Havia menos luxo no vestuário, não se vivia tanto de aparências, mas a mesa era farta e o povo andava contente.

Os lamentos de Sá de Miranda sobre o empobrecimento da vida social da corte ou as queixas de Gil Vicente a respeito da perda da alegria de viver do povo português são indícios de uma deterioração progressiva que culminará na «rude, apagada e vil tristeza» dos dias de Camões».

Mas creio que esta moda dos «tristes», de que venho tratando no presente artigo, diz respeito sobretudo ao ambiente da corte. Um termo «ad quem» para a anedota é, naturalmente, o ano de 1557, em que faleceu D. João III. Por sua vez, a carta de Luísa Sigeia, embora não esteja datada, é provavelmente do período em que ela viveu na corte portuguesa, mais exactamente no palácio da Infanta D. Maria. Há nas palavras da jovem humanista um ar despreocupado que parece denotar período anterior aos dias cheios de apreensões e dificuldades económicas do seu casamento, em 1552, com Francisco de Cuevas. E nunca poderá a sua redacção ultrapassar o ano de 1560, em que Luísa Sigeia faleceu.

Mas uma das mais interessantes cartas de Camões, publicada pela primeira vez em 1598, na segunda edição das *Rimas*, sem indi-

(6) Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, Coimbra, 1969, p. 17.

cação do lugar onde foi escrita, e mais tarde considerada como remediada de Ceuta, testemunha o mesmo espírito. É a carta que começa: «Esta vai com a candeia na mão morrer nas de V. M.»

O tema da tristeza, juntamente com outro mais conhecido, a saber, o do desengano do mundo, é aí glosado em tons variados, do começo ao fim da epístola, escrita em jeito conceituoso que então devia ser moda entre gente da corte, ou entre os que se consideravam cultos, a avaliar pelas personagens das comédias de Jorge Ferreira de Vasconcelos. Cito alguns trechos pela edição do Prof. Hernâni Cidade na Coleção Sá da Costa, mas a carta ganha em ser lida na íntegra:

«Quão mal está no caso quem cuida que a mudança do lugar muda a dor do sentimento! E se não, diga-o *quien dijo que la ausencia causa olvido*. Porque, enfim, *en la tierra queda, e o mais a alma acompanha*. Ao alvo destes cuidados jogam meus pensamentos à barreira, tendo-me já, pelo costume, tão contente de triste, que triste me faria ser contente; porque *o longo uso dos anos se converte em natureza*. Pois *o que é pera mor mal, tenho eu pera mor bem*. Ainda que, pera viver no mundo, me debruço de outro pano, por não parecer coruja entre pardais, fazendo-me um pera ser outro, sendo outro pera ser um; mas *a dor dissimulada dará seu fruto*, que a tristeza no coração é como a traça no pano.

*E por tão triste me tenho
Que, se sentisse alegria,
De triste, não viveria.
Porque a tal sorte vim,
Que não vejo bem algum
Em quanto vejo,
Que não nasceu pera mim;
E por não sentir nenhum,
Nenhum desejo.*

Porque cousas impossíveis, é melhor esquecer-las que desejá-las. E por isso

*Só tristeza ver queria
Pois minha ventura quer
Que só a ela
Conheça por alegria,
E que, se outra ver quiser,
Moura por ela.*

Pouco sabe da tristeza quem, sem remédio para ela, diz ao triste que se alegre; pois não vê que alheios contentamentos a um coração descontente, não lhe remediando o que sente, lhe dobram o que padece. Vós, se vem à mão, esperais de mim palavras joeiradas, enforcadas de

bons propósitos. Pois desenganai-vos, que, dêis que professei tristeza, nunca mais soube jogar a outro fito.»

Os próprios passos onde transparece uma intenção jocosa, confirmam a moda dos «tristes», como o seguinte mote e volta:

*«Não quero e não quero
Jubão amarelo*

*Se de negro for,
Melhor me parece.
Quanto me aborrece
Toda a alegre cor!
Cor que mostra dor
Quero, e não quero
Jubão amarelo.»*

Em matéria de cor de gibão ou canto de pássaro, a atitude parece a mesma, aliás, de acordo com o exemplo da corte, pois sabe-se que D. João III vestia usualmente de escuro, quando não de negro.

Atrás, a propósito do *Filodemo*, escrevi que o amor que «consigo mesmo se paga» é uma adaptação da «virtude como recompensa de si própria» da filosofia estóica. Ora vamos encontrar esse pensamento expresso mais adiante na mesma carta de Camões, em relação à tristeza:

«(...) o que mais me entristece é ter contentamento, pois fujo dele, que minha alma o aborrece, porque lhe lembra que é virtude viver sem ele.»

Na mesma carta, podem ainda encontrar-se mais passos confirmativos do que vimos dizendo sobre a moda dos «tristes», mas não quero alongar o presente artigo.

A carta de Ceuta conduz-nos a uma data anterior a 1550, possivelmente, 1547 ou 1548. E o *Filodemo* que, segundo o manuscrito de Luís Franco, foi representado na Índia a Francisco Barreto, governador entre 1555 e 1558, pode muito bem ter sido composto na Europa, já que nada tem de oriental e reflecte, ao contrário, a sociedade europeia e os seus hábitos. Wilhelm Storck (7), com argumentos aceitáveis, coloca a representação entre Junho e Outubro de 1555.

(7) *Vida e Obras de Luís de Camões. Primeira Parte: Versão do Original Alemão Anotada por Carolina Michaëlis de Vasconcelos*, 2.^a edição, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 1980, p. 537.

Vemos, por isso, que todas as referências aos «tristes», mais ou menos datáveis, se podem colocar em torno do ano de 1550. A própria anedota editada pelo Prof. Lund pode ser relacionada com o ambiente da corte onde a tristeza se adensa, a partir de 1545. Foi então que morreu de parto, com menos de dezoito anos, a filha mais velha, e única viva, de D. João III e D. Catarina, casada com seu primo, Filipe de Espanha. Dois anos antes, em 11 de Novembro de 1543, morrera o irmão bastardo da princesa, D. Duarte, dois meses depois de ter sido apresentado na corte. Tinha vinte e dois anos...

A moda dos «tristes», em que se pode reconhecer certo exibicionismo cortesão, seria também a resultante da tristeza que ia envolvendo o próprio palácio do rei e viria a atingir escala nacional com a morte do príncipe herdeiro em 1554, aos dezassete anos incompletos.

AMÉRICO DA COSTA RAMALHO